

**I ENCONTRO DE PESQUISAS EM  
ANDAMENTO EM HISTÓRIA  
ANTIGA DA UNIFESP**

**CADERNO DE  
PROGRAMAÇÃO E  
RESUMOS**

**GLAYDSON JOSÉ DA SILVA  
AUGUSTO ANTÔNIO DE ASSIS  
(ORGS.)**

**EFLCH - UNIFESP  
GUARULHOS  
2025**



**EFLCH**

Escola de Filosofia, Letras e  
Ciências Humanas

# **I ENCONTRO DE PESQUISAS EM ANDAMENTO EM HISTÓRIA ANTIGA DA UNIFESP**

## **CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E RESUMOS**

**Glaydson José da Silva  
Augusto Antônio de Assis  
(Orgs.)**

**EFLCH - UNIFESP  
GUARULHOS - 2025**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO**  
**ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**I ENCONTRO DE PESQUISAS EM ANDAMENTO EM**  
**HISTÓRIA ANTIGA DA UNIFESP**

**01 e 02 de setembro de 2025**

**CADERNO DE PROGRAMAÇÃO E RESUMOS**

**Realização**

**Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Antiguidade Clássica e suas Conexões  
afro-asiáticas**

**Apoio**

**Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP**  
**Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES**  
**Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq**  
**Programa de Pós-graduação em História - PPGH/UNIFESP**

**Guarulhos**  
**2025**

**Universidade Federal de São Paulo**

**Reitora:** Profa. Dra. Raiane Patrícia Severino Assumpção

**Vice-Reitora:** Profa. Dra. Lia Rita Azeredo Bittencourt

**Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas**

**Diretora:** Profa. Dra. Elaine Lourenço

**Vice-Diretora:** Profa. Dra. Edna Martins

**Organização**

Prof. Dr. Glaydson José da Silva

Prof. Augusto Antônio de Assis

**Conselho Científico**

Prof. Dr. Filipe Noé da Silva (UDESC)

Prof. Dr. Jorge Elices Ocón (CSIC – CCHS/IH)

Prof. Dr. Julio Cesar Magalhães de Oliveira (USP)

Profa. Dra. Lorena Lopes da Costa (UFRJ)

Profa. Dra. Margarida Maria de Carvalho (UNESP)

Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari (UNICAMP)

Profa. Dra. Renata Senna Garraffoni (UFPR)

**Produção, diagramação e editoração**

Augusto Antônio de Assis

**Arte da Capa**

Glaydson José da Silva & Augusto Antônio de Assis

**Formato:** Digital (e-book)

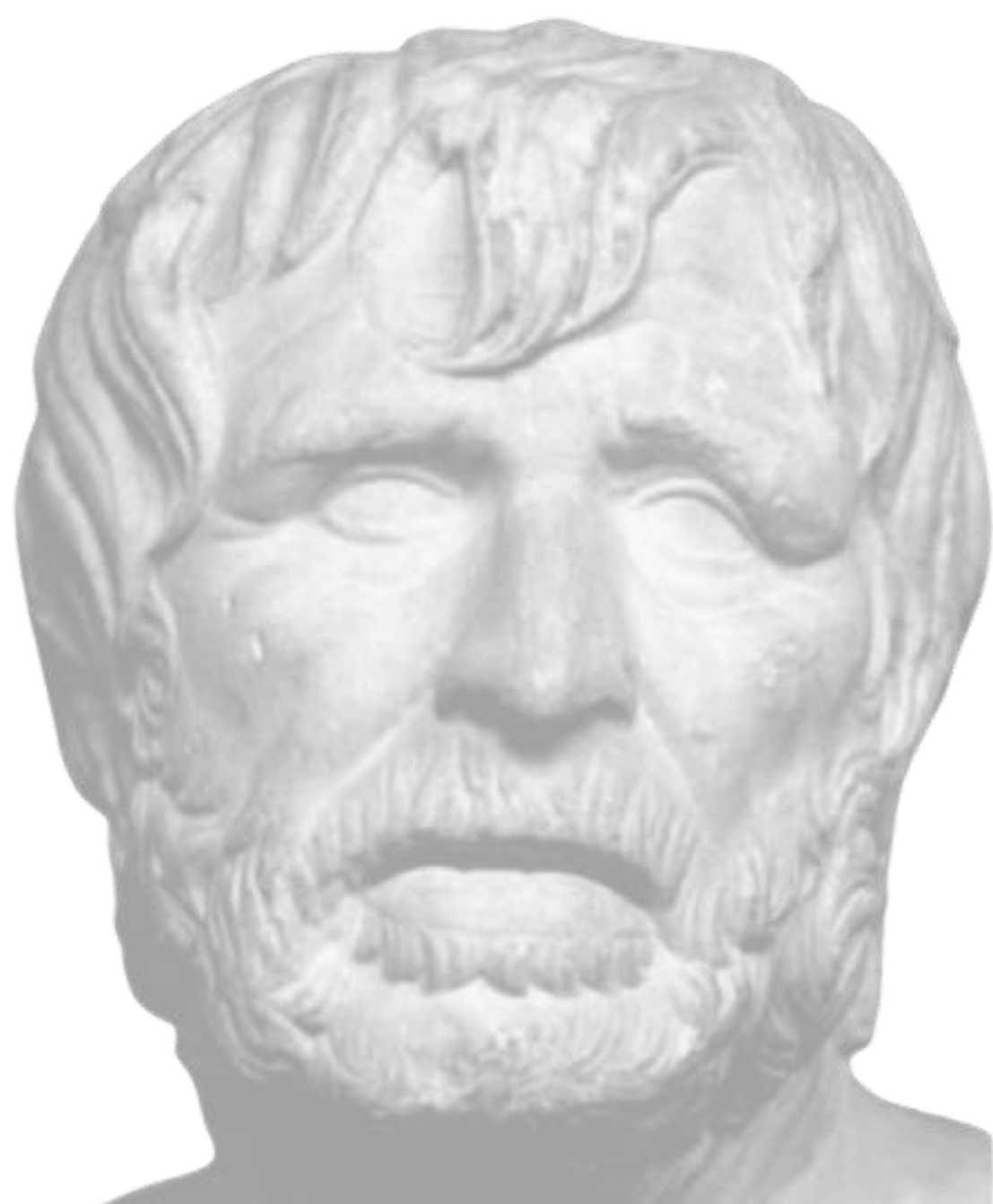
**ISBN:** 978-65-01-62139-5

Caderno de Programação e Resumos do I Encontro de pesquisas em andamento em História Antiga da UNIFESP [livro eletrônico] / Glaydson José da Silva, Augusto Antônio de Assis, Organizadores. Guarulhos: EFLCH/UNIFESP, 2025.

71 f.

ISBN: 978-65-01-62139-5

1. História – Congressos. 2. História Antiga. 3. Resumos. I. Silva, Glaydson José da. II. Assis, Augusto Antônio de. III. Título.



## SUMÁRIO

### 1. APRESENTAÇÃO

|                                                                                                |    |
|------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <i>Gláydson José da Silva, Gilberto da Silva Francisco &amp; Augusto Antônio de Assis.....</i> | 11 |
|------------------------------------------------------------------------------------------------|----|

### 2. RESUMO DA CONFERÊNCIA

|                                                                                 |    |
|---------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>EL SER EN EL MUNDO Y EL SER CON EL OTRO COMO FORMAS DE HABITAR EL KOSMOS</b> |    |
| <i>María Cecilia Colombani.....</i>                                             | 14 |

### 3. PROGRAMA DO MINICURSO DA PROFESSORA MARÍA CECILIA COLOMBANI

|                                           |    |
|-------------------------------------------|----|
| <b>RESUMO GERAL DO MINICURSO.....</b>     | 17 |
| <b>RESUMO DAS DOZE PROBLEMÁTICAS.....</b> | 19 |

### 4. RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES

|                                                                                                                                                                                     |    |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>O QUE OS DEUSES REVELAM OS GREGOS RECORDAM: A EVOCAÇÃO DA MEMÓRIA CULTURAL GREGA A PARTIR DO MOTIVO ORACULAR E DA TEMÁTICA DIVINATÓRIA NA 'DESCRIÇÃO DA GRÉCIA' DE PAUSÂNIAS</b> |    |
| <i>Arhão Henrique Ramos da Silva.....</i>                                                                                                                                           | 34 |

|                                                                                                                                                                                                                             |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>ANTIGUIDADE ENQUANTO MODERNIDADE NA<br/>ITÁLIA FASCISTA E IMPERIAL: A CONSTRUÇÃO DA<br/>PIAZZA AUGUSTO IMPERATORE NA DÉCADA DE 1930</b><br><i>Augusto Antônio de Assis</i> .....                                         | 35 |
| <b>MASCULINIDADES NOS MUNDOS GREGO E<br/>ROMANO - UMA ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA<br/>(SÉCULOS XX E XXI)</b><br><i>Bruno de Carvalho Artico</i> .....                                                                           | 37 |
| <b>POR UMA HISTÓRIA ANTIGA ABERTA AO FUTURO:<br/>REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE OS ESTUDOS DE<br/>GÊNERO E SEXUALIDADE NA ANTIGUIDADE E SEUS<br/>POSSÍVEIS IMPACTOS NO PRESENTE</b><br><i>Camila Miranda Jesus Tenreiro</i> ..... | 38 |
| <b>CIDADES HELENÍSTICAS EM MÚLTIPLAS ESCALAS:<br/>UM ESTUDO SOBRE RELIGIÃO URBANA E<br/>INTEGRAÇÃO REGIONAL NA JÔNIA ENTRE OS<br/>SÉCULOS III E I A.C.</b><br><i>Felipe Perissato</i> .....                                 | 40 |
| <b>A IDADE DO FERRO INICIAL NO EGEU: UMA SÍNTESE<br/>HISTORIOGRÁFICA DO SÉCULO XI AO VIII A.C.</b><br><i>Francisco de Assis Sabadini</i> .....                                                                              | 41 |
| <b>O HERÓI INCÔMODO: A RECEPÇÃO DE ARMÍNIO NA<br/>PROPAGANDA DO TERCEIRO REICH (1933-1945)</b><br><i>Guilherme Godoy Marins</i> .....                                                                                       | 42 |
| <b>ANTIGUIDADE CLÁSSICA E REVOLUÇÃO<br/>AMERICANA: COMO OS REVOLUCIONÁRIOS SE<br/>APROPRIARAM DA ANTIGUIDADE GRECO-<br/>ROMANA?</b>                                                                                         |    |

*Guilherme Pereira Bateloché*..... 43

**UMA HISTÓRIA DAS PRIMEIRAS ESCAVAÇÕES NO  
HERAION DE DELOS (1873-1911): A ATUAÇÃO DA  
ESCOLA FRANCESA DE ATENAS E A  
INTERPRETAÇÃO DO CULTO DE HERA**

*Heloisa Mattos Vidal e Silva*..... 44

**O ACERVO FUNARI E O ESTUDO DAS ÂNFORAS NA  
REGIÃO DA BRITANIA ROMANA (I-III D.C.) PARA  
COMPREENSÃO DOS PADRÕES DE CONSUMO QUE  
FOGEM À ROMANIZAÇÃO**

*Isabella Covre Araujo*..... 45

**TRADIÇÃO E RECEPÇÃO: DIONISO NOS TEXTOS  
ANTIGOS E NAS OBRAS DOS POETAS  
KONSTANTINOS KAVÁFIS, KOSTIS PALAMÁS E  
ÂNGELOS SIKELIANÓS**

*João Estevam Lima de Almeida*..... 47

**A VISÃO GREGA SOBRE OS EGÍPCIOS NO SÉCULO V  
A.C: UMA ANÁLISE DA ALTERIDADE N'AS  
SUPLICANTES, DE ÉSQUILO**

*João Gabriel Artioli Pinto*..... 48

**A RECEPÇÃO DE ANTÍGONA NA PEÇA DE JEAN  
ANOUILH: UM ESTUDO SOBRE RELEITURAS DA  
TRAGÉDIA GREGA**

*Juliana Rodrigues Vital*..... 49

**A REINSERÇÃO DE NÁUCRATIS EM SEU CONTEXTO  
EGÍPCIO: UM PANORAMA DE DAVID HOGARTH A  
AGUT-LABORDÈRE (1899-2012)**

*Leonardo Wesley dos Santos*..... 50

**POR UMA UNIÃO LATINA: O PAPEL DA LATINIDADE NA CONSTRUÇÃO DO MOVIMENTO ACTION FRANÇAISE (1899-1944)**

*Lucas Arantes Lorga*..... 52

**ENTRE A REVOLTA DOS MACABEUS E O LOGOS DE FÍLON: RESISTÊNCIA E ASSIMILAÇÃO JUDAICA AO HELENISMO**

*Nathan Henrique Fonseca Cardoso*..... 54

**AS GUERRAS ÁSTURES-CÂNTABRAS E A MORTÍFERA PAX AUGUSTANA: NOVAS INVESTIGAÇÕES HISTÓRICO-ARQUEOLÓGICAS DA PRESENÇA MILITAR ROMANA NA CALLAECIA (C. 29 A.C. – C. 19 A.C.)**

*Renato Pinto*..... 55

**USOS DO PASSADO E REVOLUÇÃO FRANCESA (1789 – 1799): APROPRIAÇÕES DA ANTIGUIDADE PELA IMPRENSA NA AURORA CONTEMPORÂNEA**

*Samantha Lodi-Corrêa*..... 57

**A DESONRA DO DESAPARECER: MODERNIDADE E SOCIEDADE EM MEDEIA: A FEITICEIRA DO AMOR DE PIER PAOLO PASOLINI**

*Théo Marques de Paula*..... 58

**A PROPAGANDA NAZISTA E OS USOS DO PASSADO: ABUSO DA HISTÓRIA OU TÉCNICA DE MANIPULAÇÃO DAS MASSAS?**

*Victor Barone*..... 59

**HOMOEROTISMO FEMININO: UMA ANÁLISE DE FONTES LATINAS**

*Victoria Lacerda*..... 60

**DIONÍSIO META-CIDADÃO: O DIONISISMO E A META-CIDADANIA PARA ESCRAVIZADOS NA ATENAS DE PISÍSTRATO**

*Vinícius Ramalho Ramos*..... 61

**GOTA D'ÁGUA: UMA ANÁLISE DA RECEPÇÃO DA TRAGÉDIA DE EURÍPIDES NA ADAPTAÇÃO DRAMATÚRGICA DE CHICO BUARQUE E PAULO PONTES**

*Vitor Filippo Dias*..... 62

**5. CRONOGRAMA**

**CRONOGRAMA DAS COMUNICAÇÕES E DA CONFERÊNCIA**..... 64

**CRONOGRAMA DO MINICURSO**..... 70

## APRESENTAÇÃO

Nas últimas décadas, os estudos sobre a História da Antiguidade, suas sociedades, personagens e problemáticas têm se mostrado valiosas ferramentas para a reflexão e o desenvolvimento do pensamento crítico. Esse avanço contrasta, em certo grau, com o passado da disciplina, que tantas vezes foi associada à defesa, instauração e manutenção de pautas conservadoras e processos de opressão. Na seara de novos percursos trilhados pelos estudos da Antiguidade, destacam-se positivamente a adoção de perspectivas interdisciplinares, por exemplo, para com a Filosofia, a Arqueologia, as Letras, a Antropologia e tantos outros domínios do conhecimento; a constante flexão e reflexão sobre a questão documental, como com o ampliamiento de seu espectro, especialmente em direção à cultura material, e a leitura cada vez problematizada das fontes escritas; o estabelecimento de uma relação crítica com distintas perspectivas teóricas, como os estudos pós-coloniais, decoloniais, teorias de gênero, História conectada e História global; e uma compreensão cada vez mais aprofundada no que concerne ao substrato próprio do material antigo ao longo dos séculos, seja por meio de estudos de História da historiografia, História intelectual ou Recepção da Antiguidade.

É na esteira de tais reflexões que, nos dias 1 e 2 de setembro de 2025, na Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/EFLCH da Universidade Federal de São Paulo/UNIFESP, terá lugar o *I Encontro de pesquisas em andamento em História Antiga da UNIFESP*. O objetivo é oferecer um amplo espaço de trocas, debates e mútuo aprendizado por meio da apresentação dos trabalhos sob orientação e supervisão dos dois docentes de História Antiga da instituição, Prof. Dr. Glaydson José da Silva e Prof. Dr. Gilberto da Silva Francisco. Com esse propósito, busca-se informar a comunidade universitária e valorizar a ampla e consistente produção intelectual em História Antiga da UNIFESP. Para tanto, as quase 30 comunicações propostas para o evento serão organizadas em quatro sessões, subdivididas em dois dias, contemplando pesquisas em todos os níveis de formação (Trabalhos de Conclusão de Curso, iniciações científicas, mestrados, doutorados e pós-doutorados) e desenvolvimento. Ademais, esta primeira edição do encontro integrará um conjunto maior de

atividades, decorrentes da presença da Profa. Dra. María Cecilia Colombani (Universidade de Morón & Universidade Nacional de Mar del Plata) na UNIFESP, entre os dias 1 e 10 de setembro. Essa é a segunda vez que recebemos a visita da Profa. Colombani, que nessa ocasião ministrará uma conferência e um minicurso em cinco aulas. As temáticas abordadas em tais encontros versarão a respeito da obra de Hesíodo e seus desdobramentos. A visita decorre do projeto *Marcas antropológicas na obra de Hesíodo. Por que é necessário começar por ele*.

O evento é uma realização do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Antiguidade Clássica e suas Conexões afro-asiáticas/Heródoto e conta, ainda, com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo/FAPESP (processo número: 2025/03112-1), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/CAPES, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPq e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de São Paulo/PPGH/UNIFESP.

Convidamos o público leitor a apreciar o caderno de resumos e a participar das atividades, conforme indicado no cronograma, com votos de proveitosas reflexões.

Glaydson José da Silva  
Professor Doutor - UNIFESP  
[gjsilva@unifesp.br](mailto:gjsilva@unifesp.br)

Gilberto da Silva Francisco  
Professor Doutor - UNIFESP  
[g.francisco@unifesp.br](mailto:g.francisco@unifesp.br)

Augusto Antônio de Assis  
Mestrando em História - UNIFESP  
[assis13@unifesp.br](mailto:assis13@unifesp.br)

## RESUMO DA CONFERÊNCIA

## **EL SER EN EL MUNDO Y EL SER CON EL OTRO COMO FORMAS DE HABITAR EL KOSMOS**

María Cecilia Colombani

Universidade de Morón – Universidade Nacional de Mar del Plata

Pesquisadora Visitante - UNIFESP

[ceciliacolombani@hotmail.com](mailto:ceciliacolombani@hotmail.com)

El proyecto de la conferencia consiste en abordar la problemática de la reciprocidad en Hesíodo. Partiremos de la configuración del otro como el ser que me define en mi subjetividad y, a partir de este postulado antropológico, la necesidad de entablar vínculos con ese par como modo de consolidar un proyecto subjetivo.

El trabajo tendrá una perspectiva nítidamente antropológica y para ello elegiremos algunos autores canónicos de la antropología filosófica como marco teórico. Nos mueve el intento de pensar la condición del hombre como ser abierto al otro como paso previo a toda constitución social. En efecto, hay en el ser humano una capacidad de apertura que lo diferencia claramente de la clausura del animal.

Sólo con el otro y por el otro me capto a mí mismo en mi singularidad. El límite que el otro me impone es la condición de posibilidad de captarme como un hombre. Más allá de la distancia epocal y de los marcos de pensamiento en que se inscribe la palabra hesiódica, la única forma de consolidar la aldea o la comunidad es esta revelación antropológico existencial.

Cuando Hesíodo aconseja a su hermano y delinea un modelo de consolidación de la aldea, subyace esta idea de la convivialidad que sólo es posible desde el reconocimiento mutuo; es este reconocimiento la forma humana de habitar el mundo.

Empezaremos por pintar la aldea hesiódica para pensar la circulación de los lazos de reciprocidad que venimos percibiendo. Dos elementos se ponen en juego: la proximidad territorial y los lazos comunitarios.

En realidad, constituyen elementos complementarios porque la pertenencia a un territorio común que vuelve próximos a sus habitantes genera necesariamente lazos en común, independientemente de las características de los mismos.

**PROGRAMA DO MINICURSO DA  
PROFESSORA MARÍA CECILIA  
COLOMBANI**

## RESUMO GERAL DO MINICURSO

### MARCAS ANTROPOLÓGICAS EN LA OBRA DE HESÍODO. ¿POR QUÉ ES NECESARIO COMENZAR POR ÉL?

María Cecilia Colombani

Universidade de Morón – Universidade Nacional de Mar del Plata

Pesquisadora Visitante - UNIFESP

[ceciliacolombani@hotmail.com](mailto:ceciliacolombani@hotmail.com)

El seminario estará constituido por 5 (cinco) encuentros de carácter presencial de 2 (dos) horas de duración cada uno. En cada uno de esos encuentros se trabajarán 2 (dos) títulos, sumando un total de 10 (diez) tópicos. Los 2 (dos) restantes serán indicados como lectura para ser comentados durante el último encuentro a modo de foro de discusión.

1. Mito e identidad. Las marcas antropológicas del mito como producción cultural.
2. Apuntes sobre la paz en Hesíodo. De *Teogonía* a *Trabajos y Días*.
3. Apuntes sobre la violencia y la injusticia en Hesíodo. El peligro de lo a-cósmico.
4. El deseo de saber. Las marcas narrativas de un pedido.
5. El matrimonio y los amigos como núcleos de problematización antropológica en Hesíodo. El eje horizontal.
6. El optimismo en Hesíodo. Modos de conjurar el pesimismo.
7. El pan nuestro de cada día. Las marcas de la alimentación en Hesíodo.
8. El respeto como forma del reconocimiento en el universo hesiódico. Marcas antropológicas en el pensador de Ascra.

9. Hesíodo. Hacia una sabiduría de vida. Una arqueología de la inquietud filosófica.
10. Dolor y muerte. Los signos del horror. La *eris* negativa y su vínculo con lo a-cósmico.
11. La tensión centro-periferia en la dramática divina. Una lectura política de la titanomaquia en Hesíodo.
12. Una topografía hesiódica. Espacio y Subjetividad.

## RESUMO DAS DOZE PROBLEMÁTICAS

### 1. MITO E IDENTIDAD. LAS MARCAS ANTROPOLÓGICAS DEL MITO COMO PRODUCCIÓN CULTURAL

El proyecto del presente trabajo consiste en efectuar una lectura antropológica de ciertos mitos presentes, tanto en *Teogonía* como en *Trabajos y Días*, tal como el mito de Prometeo o el de las razas, específicamente en el segundo poema, así como el mito del descuartizamiento de los Titanes en el relato órfico, a fin de analizar algunos aspectos referidos a la identidad de los mortales como espacio congregante del colectivo.

En un primer momento nos referiremos a algunas consideraciones en torno al mito como articulador de sentido. El mito constituye una forma de cohesión social que otorga por su parte una identidad. Genera pautas identitarias y culturales que permiten a los humanos registros de pertenencia a un *topos* común.

El mito constituye un sistema complejo con fines específicos: construir una identidad que actúa como un territorio compartido, instituyendo un sistema de referencias que permite ubicarnos antropológicamente.

Al constituir un sistema compacto de referencialidad identitaria, representa una construcción simbólica en tanto territorio de referencias compartidas y punto de pertenencia; se trata de una geografía abierta, nunca cerrada y clausurada, donde se opera la convergencia de una multiplicidad y una diversidad identitaria.

El mito constituye así un sistema discursivo que obedece a un *logos* propio que no necesita comprenderse en relación a otros *logoi* superadores, sino que se instituye por fuerza propia como un discurso que no requiere justificación o legitimación externa<sup>1</sup>. Su lógica intrínseca cohesiona el sistema como una dación de sentido.

Estamos frente a un sistema discursivo que traza las coordenadas de lo real en plexo vincular, definiendo el plano de los dioses, de los hombres en relación a ellos, de los hombres en relación a los animales

---

<sup>1</sup> Colombani, M. C. *Hesíodo. Una introducción crítica*, Santiago Arcos, Buenos Aires, 2005.

y demás seres cósmicos; define las relaciones del hombre con el trabajo y la virtud y las pautas antropológicas que instituyen su ser en el mundo: matrimonio, alimentación, sacrificio, etc. Se trata, en definitiva, de un sistema discursivo, que es un sistema simbólico en tanto sistema de pertenencia identitaria, aún en el marco de la diversidad.

El mito de las razas contribuye como otros mitos presentes en el relato a instituir el espacio de una representación identitaria, ubicando el registro de lo humano en un plano originario. No se trata de la típica construcción identitaria que divide las fronteras entre “lo griego” y “lo no griego”, trazando un mapa vinculado a las coordenadas étnicas. Se trata antes bien, de un *logos* instituyente de una identidad previa a cualquier inscripción etnológica. Define lo humano frente a lo divino como dos *topoi* de registro ontológico diferenciado.

En este sentido, la posibilidad de inclusión que el sistema de representaciones identitarias otorga es una forma de respuesta a la cuestión decididamente humana de interrogar por “el puesto del hombre en el cosmos”, lo cual pone al sistema mítico en clave antropológica.

A su vez, el sistema discursivo roza una esfera ética en un doble sentido; el primero atenido al campo semántico del término *êthos*, ya que el sistema de representación identitaria define un modo de vida, una manera de vivir, un conjunto identitario de usos y costumbres; el segundo referido a cómo la construcción identitaria, en tanto efecto de verdad, instituye distintos campos que comprometen una dimensión ética, trazando el diagrama de fuerzas entre lo aceptable y lo que no lo es.

Tres *logoi* dan cuenta fundamentalmente de este sistema de representación identitaria en *Trabajos y Días*, reuniendo una pluralidad de registros y marcas que diagraman el campo de la identidad entendida desde el horizonte que hemos delineado: el mito de Prometeo y el consecuente sistema de castigos que normativizan la transgresión humana, definiendo simultáneamente el territorio estrictamente de inscripción de los mortales; la fábula del halcón y del ruiseñor, pautando la lógica que impera entre los animales para, desde la perspectiva especular, definir el *topos* humano como

territorio transido por el logos y no por la fuerza que impera entre las bestias y, finalmente, el mito de las razas que define el largo deterioro de los mortales a partir de su progresivo alejamiento de la raza que nos ocupa en el presente trabajo. Tres *logoi* al servicio de definir una marca identitaria, quizás la más originaria: la huella antropológica.

En *Teogonía* es también el mito de Prometeo el que diagrama un sistema de representaciones identitarias al definir las consecuencias antropológicas de la transgresión de Prometeo, al tiempo que abre el escenario aleccionador de no intentar transgredir el *topos* reservado a los que solamente saben recibir sacrificios por parte de los mortales.

En el caso del mito del descuartizamiento de los Titanes presenciamos quizás la experiencia más radical de lo que significa la identidad humana revelando las consecuencias del desgarramiento originario.

Desde esta posición, indagar el tema de la identidad nos lleva a dialogar con los griegos ya que en ellos encontramos una fuente inagotable de problematizaciones que los ubica en el lugar de lo “clásico”.

## **2. APUNTES SOBRE LA PAZ EN HESÍODO. DE TEOGONÍA A TRABAJOS Y DÍAS**

El proyecto de la presente comunicación se propone analizar tres situaciones donde reina la paz en la producción narrativa de Hesíodo.

La perspectiva del poeta que hubiera preferido nacer en otro tiempo y no en la edad de los hombres de hierro, suele ser de registro negativo y es la guerra la que se enseñorea en ambos poemas.

Tomamos el concepto de guerra y de paz en un sentido simbólico, y asociamos la guerra, fundamentalmente, al reinado de la *hybris* que tan fuertemente marca el relato hesiódico.

Asimismo, establecemos el maridaje entre guerra y *eris* negativa para recordar que la disputa también marca estructuralmente el relato.

No obstante, el fondo último del pensamiento hesiódico da lugar a un atisbo de esperanza, a partir del dispositivo didáctico que cohesiona la obra.

Desde este moderado optimismo nos instalamos en tres episodios o circunstancias donde parece reinar la paz.

Seguiremos el propio orden en que tales circunstancias aparecen lo que nos permite pensar en un plano mítico y en un plano histórico, convencidos de que *Trabajos y Días* constituye una respuesta política del autor a su tiempo histórico.

En el primer episodio nos situaremos en la tifonomaquia, última batalla librada por Zeus en el marco de la dramática divina. Allí la paz resulta de la victoria del Egidífero sobre la fuerza a-cósmica que representa el último hijo de Gea, habido en contacto amoroso con Tártaro.

En este caso, la paz está estrechamente ligada a la derrota de la *hybris* que el monstruo representa, así como la aniquilación de la *eris* portadora de guerras y muertes.

El segundo episodio, también inscrito en el plano mítico, da cuenta de un tiempo idílico donde la paz es el estado que se respira. Nos referimos a la edad de oro, primera de las cinco edades que el mito de las razas despliega en su trazo narrativo. La ausencia del mal antes de la progresiva degradación antropológica que el mito refiere, permite respirar un clima de paz que analizaremos en sus tópicos convergentes.

El tercer episodio se inscribe en el plano histórico y nos inspira la relación entre la paz y la justicia. Trabajaremos las consecuencias del obrar justo de los gobernantes para ver en qué medida su conducta es capaz de brindar la ansiada paz que no se logra en tiempos de injusticia, cuando las torcidas sentencias producen calamidades para la ciudad y los hombres que la habitan.

Tres momentos de paz que dejan traslucir un cierto optimismo en Hesíodo y que reafirman la imagen de un Zeus garante de la justicia que, por extensión, y a partir de la solidaridad propuesta, se convierte también en el garante de la paz.

### 3. APUNTES SOBRE LA VIOLENCIA Y LA INJUSTICIA EN HESÍODO. EL PELIGRO DE LO A-CÓSMICO

El proyecto del presente trabajo consiste en pensar la función mítica como el arte de narrar y, a partir de su efecto de verdad, el arte que contribuye a otorgar un domicilio existencial a los hombres. Se trata de indagar la dimensión ético-antropológica del mito como relato fundacional.

El mito así entendido es una usina productora de significaciones múltiples; una verdadera dación de sentido que ubica espacio-temporalmente a los hombres. Los relatos constituyen configuraciones espaciales y temporales, más allá de que el mito se juegue en un tiempo áltero, el prestigioso tiempo de los orígenes o de los comienzos, dominado por el “érase una vez”.

La tarea del poeta resulta entonces una *poiesis* instituyente de la propia configuración existencial. El relato mítico inunda la vida en su totalidad, al tiempo que constituye la respuesta que una determina época necesita para saciar su incertidumbre.

Esta tarea instituyente tiene que ver con su capacidad de revelar las verdades esenciales para una comunidad determinada. Constituye un paradigma que legitima modos de pensamiento y de conducta, costumbres, instituciones y formas de habitar el mundo.

En este sentido, la tarea del poeta sobrevive desde los tiempos más remotos porque su *logos* es precisamente el que preserva, resguarda y custodia los grandes relatos. El relato mítico se inscribe así en una tradición de conservación de la memoria colectiva.

El relato mítico da cuenta en su materialidad de la capacidad del hombre de producir formas narrativas a partir de las cuales puede responder a su asombro.

Representa, sin duda, una originaria competencia comunicativa que genera un espacio de significaciones compartidas y hace de la praxis narrativa una experiencia intersubjetiva entre el poeta y su auditorio.

Quizás podamos pensar con Mircea Eliade que “conocer los mitos es aprender el secreto del origen de las cosas”<sup>2</sup> y es este secreto lo que maravilla, lo que admira y genera la primera conciencia de no saber.

Si tomamos en esta línea explicativa del mito como *logos* cargado de sentido, la figura de Hesíodo sucede a la de Homero, quizás por otras razones y en otro enclave, pero no menos importante. Son, sin duda, los dos grandes poetas donde converge la identidad griega y los dos grandes nombres que instituyen un *topos* de pertenencia cultural e identitaria. Más allá del tiempo que los separe, las diferencias estilísticas o el posicionamiento frente al relato, forman parte de una tradición que define el primer asombro griego. Tal como sostiene Pérez Jiménez, “los poemas de Hesíodo abrieron la puerta a la conciencia individual del hombre antiguo, al reconocimiento de un Derecho sancionado por la divinidad y, lo que es más importante, a la organización espacial y temporal, religiosa e histórica del mundo”<sup>3</sup>. El relato es omniabarcante; no se trata meramente de un segmento de preocupación, sino de un *logos* que intenta dar cuenta de la totalidad de los aspectos de lo real. Es desde esta perspectiva, quizás, que Detienne se anime a pensar que “el pensamiento hesiódico, como a menudo se ha observado, representa, antes bien, un nivel de pensamiento mítico, nivel intermedio entre la religión y la filosofía”<sup>4</sup>. No podemos, pues, hablar en forma compacta y lagunar de relato mítico. Lo que es innegable, más allá de los autores, los posicionamientos y los registros narrativos y comunicacionales de cada uno, es la fuente inagotable de sentido que el relato ofrece como *logos* fundacional.

#### 4. EL DESEO DE SABER. LAS MARCAS NARRATIVAS DE UN PEDIDO

El proyecto de la presente comunicación consiste en analizar la relación entre el poeta y las Musas desde la perspectiva del pedido que el poeta efectúa en el marco de la función poética como función

---

<sup>2</sup> Eliade, M. 1963. *Mito y realidad*, Editorial Labor, Barcelona, 1991, p. 20.

<sup>3</sup> Pérez Jiménez, A. “Introducción General” en Hesíodo, *Teogonía. Obras y fragmentos*. Gredos, Madrid, 2000.

<sup>4</sup> Detienne, M. 1981. *Los maestros de verdad en la Grecia Arcaica*. Editorial Taurus, Madrid, 1986, p. 18.

socio religiosa<sup>5</sup>. En este contexto analizaremos el particular ruego que el poeta eleva a las Musas como las artífices verdaderas del canto, inscrito en tres tópicos que problematizaremos: el asombro, las situaciones límites y el deseo.

¿Qué es propiamente lo que solicita un poeta de registro hesiódico? ¿A quién debe la respuesta a ese pedido que lo convierte en un maestro de *alétheia* con la consecuente territorialización en un espacio de saber-poder?<sup>6</sup> ¿Qué nos informa el proemio de *Teogonía* de ese ruego que tensiona el plano de los inmortales y los mortales, ya que es allí donde debemos dirigirnos por tratarse de un verdadero canto de alabanza a las Bienhabladas hijas de Zeus?<sup>7</sup>

A partir de las preguntas precedentes, nuestro trabajo se instala en el expreso pedido que el poeta hace a las Musas como potencias religiosas que lo inspiran en el mismo momento en que éste siente interiormente su presencia. Es necesario partir de esa expresión de deseo porque constituye una de las condiciones de posibilidad de la función poética: el asombro y el deseo del poeta como fiel servidor.<sup>8</sup>

## 5. EL MATRIMONIO Y LOS AMIGOS COMO NÚCLEOS DE PROBLEMATIZACIÓN ANTROPOLÓGICA EN HESÍODO. EL EJE HORIZONTAL

El proyecto del presente trabajo consiste en efectuar una lectura antropológica de la relación que el hombre guarda con sus pares en el marco del esquema de pensamiento mítico, propio de la Grecia Arcaica, tanto en la esfera privada como en la pública. Entendemos

---

<sup>5</sup> Detienne, M. 1981. *Los maestros de verdad en la Grecia Arcaica*. Editorial Taurus, Madrid, 1986.

<sup>6</sup> El presente artículo está inspirado en la relación entre herencia, divinidad y hombres que se puede recoger en Bader, F. "Autobiographie et héritage dans la langue des dieux: d' Homère à Hésiode et Pindare", *Revue des Études Grecques*, Número 492-494, Paris, 1990, pp. 383-408.

<sup>7</sup> Sobre el valor del proemio como la visión de Hesíodo en torno a la relación entre el plano divino y el humano, puede verse el magnífico trabajo de Hainsworth, J. B. "Hesiod's Vision: Theogony" 1-35, *Estudios de Filología Griega*, Número 4, Madrid, 1999, pp. 11-18.

<sup>8</sup> Esta relación que se establece entre las Musas y el poeta puede rastrearse en la dimensión didáctica de la poesía hesiódica presente en Nagel, L. H. "Hesiodo: poesía e intencionalidad educativa", *Boletim de Estudos Clássicos*, Número 32, 1990, pp. 27-35.

por “antropología” el concepto del que parte Louis Gernet (1981) para pensar cómo el hombre se proyecta en el plano religioso del mundo, reconociendo que, más allá de los múltiples vaivenes que la palabra ha tenido según la época, podemos considerar que se trata de la representación del hombre en el plano religioso del mundo.

Para comprender este aspecto, debemos captar esa idea de fractura ontológica entre diferentes ámbitos o regiones de ser; de dos *tópoi*, de dos razas o mundos, impermeables la una respecto de la otra, tal como sostiene el propio Gernet (1981, p.15). Es el largo relato de los dioses, es el trazo del linaje, el reparto de los poderes y la definitiva consolidación del *kósmos* la que permite delinear los dos *tópoi* referidos y ver cómo se comportan los hombres en el plano en el que quedan territorializados.

Instalados entonces en el plano horizontal, nos resta una lectura crítica del segmento recortado.

## 6. EL OPTIMISMO EN HESÍODO. MODOS DE CONJURAR EL PESIMISMO

El proyecto del presente trabajo consiste en analizar la ecuación pesimismo-optimismo en *Trabajos y Días*. Como sabemos, se trata del poema de mayor impacto social y de mayor respuesta socio-política que Hesíodo, último testigo de una palabra dedicada al personaje real<sup>9</sup>, da a su tiempo histórico. En este sentido, el autor aparece como un testigo comprometido con su coyuntura histórica.

Si *Teogonía* representa el poema emblemático de la justicia en el orden del *kosmos*, a partir del reinado de Zeus, garante de ese mismo orden, *Trabajo y días* retoma el tema de la justicia a nivel socio-anropológico, siendo los seres humanos los grandes protagonistas del relato con sus miserias y grandezas<sup>10</sup>, fundamentalmente a partir de su condición de mortales.

---

<sup>9</sup> Detienne, M. 1981. *Los maestros de verdad en la Grecia Arcaica*. Editorial Taurus, Madrid, 1986.

<sup>10</sup> Colombani, M. C. *Hesíodo. Una introducción crítica*, Santiago Arcos, Buenos Aires, 2005.

Nuestro propósito radica en relevar el momento de mayor pesimismo en el interior del relato y ver si el mismo puede dar lugar a un marcado optimismo que creemos advertir en la intención hesiódica, asociada a la función didáctica que caracteriza al poema.

Se trata pues de pensar la tensión y la complementariedad entre dos posiciones antagónicas, la de un primer pesimismo inscrito en el relato de las edades y un marcado optimismo que creemos ver en la acción didáctica del poeta.

La propuesta didáctica debe necesariamente ser una respuesta histórica. Se trata enfáticamente de un posicionamiento político de pensar la educación como la llave que puede abrir un tiempo mejor fundado en el trabajo, la virtud y la razón como pilares de un tiempo mejor. Creemos ver allí la relación con el optimismo.

## **7. EL PAN NUESTRO DE CADA DÍA. LAS MARCAS DE LA ALIMENTACIÓN EN HESÍODO**

El proyecto de la presente comunicación consiste en relevar algunos aspectos del vínculo entre cultura y alimentación presente, a nuestro entender, en *Trabajos Días*.

En primer lugar, debemos anudar la relación trabajo-cultura para luego, en un segundo momento, relevar la ecuación cultura-alimentación.

La noción de cultura puede leerse a partir de un doble horizonte, la metáfora del cultivo y la metáfora del tejido.

No obstante, más allá de este esquema de trabajo, creemos oportuno visitar el mito como fuente inagotable de sentido. Es en ese punto donde cobra fuerza la noción de cultura y la alimentación como tópico a considerar.

## **8. EL RESPETO COMO FORMA DEL RECONOCIMIENTO EN EL UNIVERSO HESIÓDICO. MARCAS ANTROPOLÓGICAS EN EL PENSADOR DE ASCRA**

El proyecto de la presente exposición consiste en abordar la noción de respeto como soporte de la legalidad cósmica en Hesíodo.

Nos proponemos relevar ciertos tópicos fundamentales cuyo respeto garantizan la sustentabilidad del orden tanto social como cósmico.

Entendemos por respeto el reconocimiento de un determinado valor como legitimador del orden. Respetar significa, desde nuestro marco interpretativo, reconocer distintos estatutos de ser y de obrar como modo de fundar un *topos* de convivencia que no amenace la armonía cósmico-social.

La tarea de fundación de un plano social y político como el que diagrama Hesíodo a partir de su intención didáctica y de las advertencias a su hermano como excusa de un mensaje dirigido a los mortales en su conjunto, implica un mapa de respeto por ciertos valores que suponen, a su vez, un marco de subordinación voluntaria y sensata, transido por la *sophrosyne* como valor dominante.

Hesíodo juega, a nuestro entender, con un diagrama dual, de fuerzas en tensión, entre lo que conviene al orden social y cósmico y lo que no. Se trata de un esquema binarizante que da cuenta de un juego de normatividad que permite la cohesión de la aldea a partir del diagnóstico de la situación que el poeta ha efectuado en el mito de las edades. La única posibilidad de salida del panorama aterrador que la quinta raza devuelve, si es posible aún una recuperación, es, a nuestro criterio, el respeto, en tanto reconocimiento del *status* que ostentan ciertos valores claves de la dinámica cósmica y social.

## **9. HESÍODO. HACIA UNA SABIDURÍA DE VIDA. UNA ARQUEOLOGÍA DE LA INQUIETUD FILOSÓFICA**

El proyecto del presente trabajo consiste en relevar en qué sentido uno de los núcleos de inquietud de Hesíodo radica en la construcción de un determinado tipo de vida que se materializa en una cierta sabiduría de vida.

El Hesíodo de *Teogonía*<sup>11</sup>, último testigo de una palabra dedicada a la alabanza del personaje real<sup>12</sup>, cede paso al Hesíodo de *Trabajos y Días* para articular en su trama narrativa un cierto *ethos* capaz de convertir al hombre en un varón prudente, en el modelo de un aldeano capaz de regirse por los valores de la excelencia y alejado de la *hybris* como valor negativo.

Nuestro propósito es tomar algunos pasajes del poema para analizar la constitución de ese modelo que se erige como un ideal que, por otra parte, alcanzará una proyección ulterior en el modelo del sujeto clásico.

## 10. DOLOR Y MUERTE. LOS SIGNOS DEL HORROR. LA ERIS NEGATIVA Y SU VÍNCULO CON LO A-CÓSMICO

El proyecto de la presente comunicación consiste en abordar la relación entre mito y horror como forma de transitar algunos aspectos tenebrosos del relato mítico, a fin de pensar el andamiaje nocturno de la estructura mental que el mito representa.

El proyecto se encuadra en el horizonte más amplio de nuestra investigación tratando de relevar la existencia de dos linajes en el relato mítico griego como forma de pensar una primera configuración mental que sirve, a nuestro entender, como sedimento de ulteriores formas de pensamiento, que parecen reinventar desde otro *logos* la tensión de linajes presente en el relato fundacional.

Nos proponemos transitar el relato tratando de aportar algún elemento al trazo de una gramática del lenguaje mítico, en términos de Marcel Detienne<sup>13</sup>.

---

<sup>11</sup> Para una comprensión más profunda de la totalidad de la obra hesiódica, puede verse Colombani, M. C. *Hesíodo. Discurso y linaje. Una aproximación arqueológica*, EUDÉ, Mar del Plata, 2016.

<sup>12</sup> Detienne, M. 1981. *Los maestros de verdad en la Grecia Arcaica*. Editorial Taurus, Madrid, 1986. Cap. II La memoria del poeta. Marcel Detienne toma la figura de Hesíodo como una figura límite donde la función del poeta de alabar a los Inmortales está decayendo. De allí que a veces se refiera a Hesíodo como el “último” y otras veces como el “único”.

<sup>13</sup> En *La invención de la mitología* Marcel Detienne se instala al interior de la reflexión teórica que pone al mito como objeto de problematización y ve cómo los estudios sobre el mito a partir de la impronta del estructuralismo, trazan una “verdadera gramática del

Quizás estas preguntas, sólo algunas entre otras, que se formula el propio Detienne sean las que impulsan la presente preocupación teórica: “¿Qué voz se ha de oír en la mitología? ¿Qué pensamiento se ha de descubrir en ella? ¿Es este lenguaje el lenguaje primario, el de una humanidad en su infancia? ¿La ingenuidad de la ignorancia o la palabra original?”<sup>14</sup>

Nuestro desafío es ver qué nos dice el mito desde la singularidad de su territorio. “Las brumas de un viaje a tierra desconocida”<sup>15</sup> no hacen sino ponernos en estado de alerta para escuchar esa voz y tratar de pensarla a la luz de ciertas condiciones materiales de existencia para saber desde dónde habla la voz que habla.

## 11. LA TENSION CENTRO-PERIFERIA EN LA DRAMÁTICA DIVINA. UNA LECTURA POLÍTICA DE LA TITANOMAQUIA EN HESÍODO

El proyecto de la presente comunicación consiste en relevar las marcas del poder de Zeus en el episodio de la Titanomaquia. Siguiendo la línea argumentativa de Marcel Detienne, Hesíodo constituye el último testigo de una palabra dedicada a la alabanza del personaje real. Desde esa perspectiva, el poeta vidente cumple un función capital en la organización del *kósmos* ya que su función es celebrar a los Inmortales narrando una teogonía y un cosmogonía.

Cuando el maestro de *aletheia* narra una teogonía relata el mito de aparición en el marco de la progresión de familias divinas; es el largo linaje de los dioses, su aparición en el orden del dispositivo genealógico que en el caso de la Teogonía toma la forma de un entramado familiar que avanza hacia formas más perfectas y luminosas de organización socio familiar.

Cuando el poeta narra una cosmogonía relata un mito de soberanía, inscribiendo el poder de Zeus sobre cualquier otra forma a-cósmica.

---

lenguaje del mito”, que lo retira de una lectura ingenua, del orden de la fábula que se escoge entre otras tantas. Detienne, M. *La invención de la mitología*. Ediciones península, Barcelona, 1985.

<sup>14</sup> Detienne, M. *La invención de la mitología*. Ediciones península, Barcelona, 1985, p.5.

<sup>15</sup> Detienne, M. *La invención de la mitología*. Ediciones península, Barcelona, 1985, p.8

Entonces el relato toma una dimensión agonística inscrita en dos batallas decisivas, la titanomaquia y la tifonomaquia, que consolidan el poder cósmico del Crónida, repitiendo el sistema de consolidación del orden que ya el relato teogónico anticipara en su canto.

## 12. UNA TOPOGRAFÍA HESIÓDICA. ESPACIO Y SUBJETIVIDAD

El proyecto de la presente reflexión consiste en analizar las características que toma el espacio en *Trabajos y Días* para esbozar una especie de cartografía a través de la cual podamos detectar la circulación de los hombres de la aldea y hacernos, de ese modo, una cierta idea del ritmo de vida aldeano.

Privilegiamos la categoría del espacio porque es allí donde Hesíodo, el último testigo de una palabra mágico religioso que encuentra con él su punto de declinación<sup>16</sup>, permite el intersticio para husmear la cotidianidad de la pequeña aldea donde su padre recalara huyendo de la miseria.

Trabajaremos entonces priorizando distintas espacialidades, viendo qué **características** tiene cada una y, sobre todo, viendo qué **actividades** se realizan en cada una de ellas y qué **sentimientos** producen en el hombre como nota dominante.

Nuestro proyecto consiste en relevar las relaciones entre los hombres y los espacios para ver en qué medida la dimensión espacial es constitutiva de lo humano<sup>17</sup>.

Abordaremos el espacio de la casa, como *tópos* interior y cerrado frente a otros *tópoi* abiertos, por ejemplo el **espacio de la ciudad** y dentro de la ciudad, el **espacio de las calles** como *tópos* de circulación y **el espacio del agora** como lugar del conflicto, el espacio de la tierra como espacio emblemático del trabajo, el **espacio del bosque** como

---

<sup>16</sup> Detienne, M. 1981. *Los maestros de verdad en la Grecia Arcaica*. Editorial Taurus, Madrid, 1986.

<sup>17</sup> Entendemos el espacio como una variable antropológica que constituye la subjetividad, tanto como el cuerpo y el tiempo. Desde esta posición coincidimos con Michel Foucault cuando en *Vigilar y Castigar* (1989) hace del espacio una variable política productora de efectos.

geografía presente a partir del contacto del hombre con la naturaleza, el **espacio del mar** como *tópos* emblemático del peligro y el **espacio de la religiosidad** como espacio simbólico.

A su vez, pretendemos relevar las marcas de la cultura en el espacio para ver cómo ciertos *tópoi* constituyen espacios civilizados como la ciudad, las calles, la tierra cultivada o el espacio de la religiosidad, mientras otros guardan la marca de lo salvaje como el bosque, morada natural de las bestias.

Resulta entonces que el espacio está tensionado no sólo en relación a un **adentro y un afuera**, un **espacio abierto y uno cerrado**, sino también a una polarización entre lo **culto y lo inculto** en términos culturales. La tierra es, en este sentido, el espacio emblemático de la transición aludida, a partir del trabajo como hecho cultural, mientras el espacio del bosque es el terreno baldío por excelencia.

Acompañar la **ontología del espacio** es, a su vez, acompañar el puesto del hombre en el cósmos ya que se observa cómo los espacios acompañan las distintas relaciones que el hombre entabla: con los otros en el trabajo, la ciudad, las calles, la casa; con las bestias en el bosque y en el mar, a partir de sus características amenazantes; con los dioses en el espacio dedicado al culto. El espacio es complementario del plexo de vínculos que hacen a la vida del hombre.

## RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES

## **O QUE OS DEUSES REVELAM OS GREGOS RECORDAM: A EVOCAÇÃO DA MEMÓRIA CULTURAL GREGA A PARTIR DO MOTIVO ORACULAR E DA TEMÁTICA DIVINATÓRIA NA 'DESCRIÇÃO DA GRÉCIA' DE PAUSÂNIAS**

Arhão Henrique Ramos da Silva

Doutorando em História – UNIFESP

Orientador: Prof. Dr. Gilberto da Silva Francisco

[arhaohenrique@gmail.com](mailto:arhaohenrique@gmail.com)

Esta pesquisa tem como objetivo a análise do conjunto de textos atribuídos a Pausânias (séc. II d.C.) sob o título Descrição da Grécia. O enfoque nas temáticas oraculares e divinatórias mencionadas na obra despertou interesse para investigar como essas menções podem ser a base para o resgate das tradições e evocações da memória ao longo do texto. A partir das discussões sobre as noções de memória cultural, tradição e identidade no mundo grego antigo, inserido no contexto da Segunda Sofística, apresentamos a hipótese desta pesquisa: o motivo oracular e a temática divinatória presente na obra. Indicamos que o motivo oracular abrange os elementos relacionados aos oráculos em geral, enquanto a temática divinatória engloba portentos, presságios, visões e adivinhos. Defendemos que Pausânias utiliza esses elementos como um fio condutor narrativo para abordar as tradições e evocações da memória cultural grega ao longo da Descrição da Grécia, inserido na noção de religiosidade.

## **ANTIGUIDADE ENQUANTO MODERNIDADE NA ITÁLIA FASCISTA E IMPERIAL: A CONSTRUÇÃO DA PIAZZA AUGUSTO IMPERATORE NA DÉCADA DE 1930**

Augusto Antônio de Assis

Mestrando em História – UNIFESP

Orientador: Prof. Dr. Glaydson José da Silva

[augustoassis2q3d@gmail.com](mailto:augustoassis2q3d@gmail.com)

Na Itália fascista, a Antiguidade foi constantemente mobilizada a fim de embasar e legitimar pautas políticas. A relação para com o passado, nesse ínterim, não se amoldava em paralelismos históricos, mas em um processo ativo de instrumentalização de Roma antiga. A crescente escalada autoritária do regime, na década de 1930, refletiu diretamente no passado almejado e construído. O período imperial, com enfoque para seu instaurador, Augusto, passa a ser cada vez mais caro ao fascismo. Destacam-se as renovadas pretensões colonialistas que resultaram, em 1936, na ocupação da Etiópia e subsequente proclamação do Império. Destarte, o tensionamento entre os líderes, antigo e fascista, adquire proeminência com as comemorações do Bimilenário do nascimento de Augusto, entre 1937-1938. Ademais, um dos principais locus celebrativos desta relação deu-se na Piazza Augusto Imperatore, erigida pelo regime ao redor do Mausoléu de Augusto, em Roma, a partir de 1931. Inúmeras construções no entorno foram consideradas enquanto símbolo de eras de decadência moral, passíveis, portanto, de destruição sistemática, ratificada pelos planos reguladores urbanos. Na praça, seria ainda reconstruído, em 1938, o altar com maior representatividade da Pax de Augusto, a Ara Pacis Augustae. Nesta toada, objetiva-se analisar os usos do passado no processo de construção da Piazza Augusto Imperatore, efetuado pelo regime fascista em vias de legitimar suas

pretensões imperialistas na década de 1930, bem como interferir no processo memorativo. As principais fontes a respeito são cinejornais, curtos filmes-reportagens, produzidos pelo Istituto Nazionale LUCE, entidade paraestatal responsável pela cinematografia educativa do fascismo. As inúmeras etapas de sistematização da praça foram veiculadas em tal suporte, o que demonstra, assim, sua proficuidade para o estudo das estratégias discursivas de representação do culto della romanità e, ainda, permite avançar analítica e criticamente nas estratégias propagandísticas do regime.

## **MASCULINIDADES NOS MUNDOS GREGO E ROMANO - UMA ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA (SÉCULOS XX E XXI)**

Bruno de Carvalho Artico

Mestrando em História – UNIFESP

Orientador: Prof. Dr. Gilberto da Silva Francisco

[bruno\\_artico@hotmail.com](mailto:bruno_artico@hotmail.com)

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a transição dos estudos acerca do homoerotismo para as masculinidades nos séculos XX e XXI. Menciona-se “transição” pelo fato de que os primeiros estudos sobre as masculinidades gregas foram desenvolvidos por escritores engajados nos estudos homoeróticos e da sexualidade no mundo antigo. Inicialmente, abordavam a questão das masculinidades gregas por meio do estudo homoerótico, mas de maneira sucinta. Com o avanço dos estudos de gênero, a partir da década de 1990, com Judith Butler, houve uma dissociação do gênero enquanto produto da natureza, passando a ser entendido como uma questão performática e cultural. Novos estudos passaram a contemplar a questão do homem não apenas na relação de poder entre homem e mulher, mas também nas construções do masculino e na forma como a sociedade interfere na masculinidade. Dessa forma, a pesquisa busca identificar como os principais autores começaram a trabalhar a questão homoerótica no século XX, utilizando questões acerca da masculinidade. Para tanto, optamos por analisar duas vertentes dos estudos homoeróticos: a essencialista e a construcionista. Os primeiros autores essencialistas entendiam a sexualidade como um produto universal, enquanto os construcionistas, seguidores de Foucault, defendiam a sexualidade como um produto cultural. Por fim, buscamos analisar como a questão da masculinidade grega, a partir de 1990, começou a ser estudada.

## **POR UMA HISTÓRIA ANTIGA ABERTA AO FUTURO: REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE OS ESTUDOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA ANTIGUIDADE E SEUS POSSÍVEIS IMPACTOS NO PRESENTE**

Camila Miranda Jesus Tenreiro

Mestranda em História – UNIFESP

Orientador: Prof. Dr. Gilberto da Silva Francisco

camila.tenreiro@unifesp.br

Este trabalho se propõe a analisar uma dimensão pouco explorada nos estudos de recepção da Antiguidade, a saber, o uso de estudos acadêmicos e a participação de classicistas em casos da Suprema Corte dos Estados Unidos da América relacionados aos direitos civis da comunidade LGBTQIA+. Tais casos são mobilizados por Brooke Holmes em “Gender: Antiquity and Its Legacy” para demonstrar o impacto que o debate acadêmico sobre questões de gênero e sexualidade na Antiguidade podem ter no presente (2012, p. 106-109). Para refletir sobre este impacto, discutiremos as considerações teóricas de Elizabeth Deeds Ermarth e Joan Scott em seus respectivos capítulos do livro “Manifestos for History”. Em seu manifesto, Ermarth discorre sobre a importância da escrita de uma história que apresente à sociedade uma alternativa à anomia presentemente experienciada e que enfatize a potência das escolhas individuais (2007, p. 50-66). Por sua vez, Scott defende uma história crítica, genealógica, que historicize os comportamentos humanos e que viabilize, por meio da apresentação de uma história indeterminada, uma consciência aberta a diversas possibilidades de futuro (2007, p. 19-38). Por fim, relacionaremos nossa pesquisa de dissertação de mestrado, intitulada “Entre a porneia de Timarco e a kinaideia de

Demóstenes: a instrumentalização dos desvios de gênero e sexualidade na Atenas Clássica”, às reflexões realizadas, inserindo-a no contexto do esforço aqui apresentado por uma história crítica e aberta ao futuro.

## **CIDADES HELENÍSTICAS EM MÚLTIPLAS ESCALAS: UM ESTUDO SOBRE RELIGIÃO URBANA E INTEGRAÇÃO REGIONAL NA JÔNIA ENTRE OS SÉCULOS III E I A.C.**

Felipe Perissato

Doutor em Arqueologia – MAE/USP

Pesquisador de pós-doutorado – UNIFESP

Supervisor: Prof. Dr. Gilberto da Silva Francisco

[felipe.perissato@unifesp.br](mailto:felipe.perissato@unifesp.br)

Esta apresentação propõe expor em linhas gerais o andamento do projeto de pós-doutorado do autor. Seu objetivo é investigar os processos de integração da Jônia, região localizada na costa oeste da Anatólia, entre os séculos III e I a.C. a partir de uma abordagem multiescalar. O desenvolvimento e a adaptação de duas cidades desta região (Mileto e Magnésia do Meandro) serão investigados com enfoque na formação recíproca entre a topografia urbana e as práticas religiosas. A partir de diferentes escalas espaciais e temporais, pretende-se enquadrar a produção espacial e a mudança nas práticas religiosas com base em múltiplas agências e na interação de diferentes atores, identificando estratégias, planos e negociações para a integração regional. Dessa forma, propõe-se aprofundar a recente interpretação sobre a vitalidade e prosperidade das cidades helenísticas e colocar a complexidade da questão em evidência ao confirmar nossa hipótese de que tal desenvolvimento urbano não ocorreu livre de tensões sociais e negociações entre diferentes atores. Para isso, o projeto utilizará uma metodologia que integra diferentes fontes históricas (topográfica, epigráfica e textual) para evidenciar a agência de diferentes indivíduos, além da formação de suas redes. Ademais, a pesquisa contribuirá para elaboração de uma interpretação sobre as práticas interpolíades adotadas por Mileto e Magnésia do Meandro a partir do contexto de urbanidade.

## **A IDADE DO FERRO INICIAL NO EGEU: UMA SÍNTESE HISTORIOGRÁFICA DO SÉCULO XI AO VIII A.C.**

Francisco de Assis Sabadini

Doutor em Arqueologia – MAE/USP

Pesquisador de pós-doutorado – UNIFESP

Supervisor: Prof. Dr. Gilberto da Silva Francisco

[franciscosabadini@hotmail.com](mailto:franciscosabadini@hotmail.com)

Nesta pesquisa, a discussão centra-se na Idade do Ferro Inicial na região do Mar Egeu, período que se estende do século XI ao final do século VIII a.C. Termos como Pré-História e Proto-História foram empregados pela historiografia tradicional para se referir a essa fase, frequentemente interpretada como o “surgimento da civilização grega” ou como etapa “formativa” da história da Grécia Antiga. Embora essa perspectiva tenha sido revista nas últimas décadas e a Idade do Ferro Inicial tenha se consolidado como um campo de estudo independente, no Brasil ainda são escassas as análises que discutam sua definição e os principais problemas a ela relacionados. Dessa forma, o objetivo da pesquisa é examinar a imagem que se concretizou sobre esse período, a partir de uma revisão historiográfica que tem como recorte geográfico as áreas continentais e insulares banhadas pelo Mar Egeu. Abordando questões relativas aos limites cronológicos e espaciais, à caracterização e ao histórico desse campo de estudos, pretende-se contribuir para uma revisão crítica e fundamentada da Idade do Ferro Inicial nessa região.

## **O HERÓI INCÔMODO: A RECEPÇÃO DE ARMÍNIO NA PROPAGANDA DO TERCEIRO REICH (1933-1945)**

Guilherme Godoy Marins

Graduando em História – UNIFESP

Orientador: Prof. Dr. Glaydson José da Silva

[g.marins@unifesp.br](mailto:g.marins@unifesp.br)

O presente trabalho investiga a recepção e a instrumentalização da figura histórica de Armínio, apropriado como Hermann, na propaganda do regime Nacional-Socialista na Alemanha (1933-1945). Partindo do referencial teórico-metodológico dos Estudos de Recepção Clássica, que compreende o passado como um campo de disputas e ressignificações contínuas, a pesquisa analisa como o mito do "libertador da Germânia" foi apropriado de forma não homogênea pelo Nazismo. A hipótese central é que o uso de Hermann atingiu um clímax estratégico em 1933, durante a campanha eleitoral de Lippe, para em seguida ser deliberadamente marginalizado. Através de uma análise, central é constituído pelos cartazes de propaganda e por uma película propagandística, complementada por um corpus documental diversificado — peças teatrais, literatura do período e escritos pessoais de Hitler —, o estudo demonstra que esse declínio foi motivado por profundas contradições ideológicas, como a admiração de Hitler pelo Império Romano e a consolidação do Führerprinzip, que tornaram a figura do herói anti-romano inconveniente. A pesquisa explora também as disputas internas ao regime, contrastando a visão de Hitler com a de facções como a SS, que promoviam outros heróis germânicos, e com a de ideólogos que radicalizavam o mito em obras literárias. Conclui-se que a trajetória da recepção de Armínio no Terceiro Reich revela a impressionante maleabilidade dos mitos nacionais e expõe as tensões e as disputas enfrentadas no contexto acerca de sua figura.

## **ANTIGUIDADE CLÁSSICA E REVOLUÇÃO AMERICANA: COMO OS REVOLUCIONÁRIOS SE APROPRIARAM DA ANTIGUIDADE GRECO-ROMANA?**

Guilherme Pereira Bateloche

Graduando em História – UNIFESP

Orientador: Prof. Dr. Glaydson José da Silva

[bateloche@unifesp.br](mailto:bateloche@unifesp.br)

A Antiguidade Clássica é frequentemente mobilizada em diferentes períodos da História, na maioria das vezes como um exemplo grandioso a ser seguido. O texto visa analisar de que forma os líderes do processo de Independência dos Estados Unidos se apropriaram de elementos da Grécia e Roma antigas para moldar a ideia de país que queriam construir, sobretudo nos conceitos de "República" e "Democracia".

## **UMA HISTÓRIA DAS PRIMEIRAS ESCAVAÇÕES NO HERAION DE DELOS (1873- 1911): A ATUAÇÃO DA ESCOLA FRANCESA DE ATENAS E A INTERPRETAÇÃO DO CULTO DE HERA**

Heloisa Mattos Vidal e Silva

Doutoranda em História – UNIFESP

Orientador: Prof. Dr. Gilberto da Silva Francisco

[heloisa.vidal@unifesp.br](mailto:heloisa.vidal@unifesp.br)

Este projeto de pesquisa visa compreender a fase inicial de exploração arqueológica no santuário da deusa Hera (Heraion), localizado na ilha de Delos, Grécia. As primeiras escavações no local, ocorridas entre 1873 e 1911, foram empreendidas pela Escola Francesa de Atenas (EFA), instituição que detém os direitos de exploração arqueológica de Delos até hoje. Na Antiguidade, a ilha foi um centro religioso importante, mitologicamente associado a Apolo, Ártemis e Leto. A partir da análise de publicações científicas, documentos escritos e fontes materiais, pretende-se investigar as técnicas e metodologias utilizadas no período para interpretar os achados arqueológicos e dimensionar o impacto desses estudos no campo da Arqueologia Clássica. O exame detalhado de documentos ainda pouco explorados, aliado à tradução das fontes e à constituição de um banco de dados, poderão contribuir para outros estudos atualmente em desenvolvimento por membros da equipe responsável pelo Heraion de Delos, sob a coordenação do prof. Dr. Gilberto da Silva Francisco.

## **O ACERVO FUNARI E O ESTUDO DAS ÂNFORAS NA REGIÃO DA BRITANIA ROMANA (I-III D.C.) PARA COMPREENSÃO DOS PADRÕES DE CONSUMO QUE FOGEM À ROMANIZAÇÃO**

Isabella Covre Araujo

Mestranda em História – UNIFESP

Orientador: Prof. Dr. Glaydson José da Silva

[isabella.covre@unifesp.br](mailto:isabella.covre@unifesp.br)

A presente proposta de pesquisa, sobre o processo de feitura da tese doutoral de Pedro Paulo Abreu Funari, a crítica posterior de seus pressupostos e sua atualidade, surgiu por ocasião do contato com o acervo documental e bibliográfico do pesquisador, doado à Universidade Federal de São Paulo e custodiado no Centro de Memória e Pesquisa Histórica (CMPH) do Departamento de História da Unifesp, desde 2019. Esse acervo tem sido objeto de organização, limpeza, catalogação, visando sua disponibilização ao público consulente do CMPH. Minha participação ativa nesse processo, como monitora/pesquisadora do CMPH, possibilitou o acesso privilegiado à documentação do professor Funari, decorrendo desse acesso a proposição dessa pesquisa. Ainda não explorado, o acervo possibilita diferentes frentes de pesquisa. Essa proposição consiste em analisar os bastidores da tese doutoral do autor, defendida no ano de 1990. A tese compreende um estudo anforológico, com o objetivo de mapear a economia romana na região da Britania durante os séculos I - III d.C., por meio da sistematização de um catálogo de ânforas do tipo Dressel-20, que transportavam azeite de oliva no Mediterrâneo. Nessa proposta de pesquisa, pretende-se atrelar a documentação pessoal doada por Funari para o CMPH com a sua trajetória acadêmica, junto aos relatos de memória do próprio pesquisador, visando a melhor compreensão das tipologias presentes

no acúmulo documental, que permeia objetividades de sua vida acadêmica e subjetividades da sua jornada - aspectos que o levaram à defesa de sua pesquisa de doutorado.

## **TRADIÇÃO E RECEPÇÃO: DIONISO NOS TEXTOS ANTIGOS E NAS OBRAS DOS POETAS KONSTANTINOS KAVÁFIS, KOSTIS PALAMÁS E ÁNGELOS SIKELIANÓS**

João Estevam Lima de Almeida

Doutorando em História – UNIFESP

Orientador: Prof. Dr. Gilberto da Silva Francisco

[mavetsedeargos@gmail.com](mailto:mavetsedeargos@gmail.com)

A presente comunicação visa apresentar os apontamentos iniciais da nossa pesquisa de doutorado, realizada no departamento de História da UNIFESP. Na nossa perspectiva de análise entendemos que Dioniso pode ser identificado em alguns autores gregos antigos, que fazem parte da tradição helênica, e nas obras dos poetas Konstantinos Kaváfis, Kostis Palamás e Ángelos Sikelianós, no contexto da Grécia dos Estados Nacionais. Partimos do princípio de que Dioniso – deus do vinho, do teatro, que caracteriza o outro na Grécia antiga – no transcurso dos séculos serviu aos gregos como um dos deuses que firmou a identidade helênica em seu caráter Desmótes-Eleútheros (agrilhado-livre), algo que é possível de se notar também na produção literária desses três poetas gregos, a caracterizar uma singular e instigante recepção. Nosso objetivo é, a partir de uma amostragem definida, documentação antiga, poemas do neogrego e produção acadêmica contemporânea, analisar o deus do vinho na tradição grega antiga e nos poemas do corpus selecionado, sua relação com textos antigos sobre o deus do vinho, para chegar à nossa síntese sobre o dionisismo na antiguidade e o processo de formação de uma identidade grega na Grécia dos Estados Nacionais, para contribuir com os estudos de recepção do clássico na História antiga.

## **A VISÃO GREGA SOBRE OS EGÍPCIOS NO SÉCULO V A.C: UMA ANÁLISE DA ALTERIDADE N'AS SUPLICANTES, DE ÉSQUILO**

João Gabriel Artioli Pinto

Graduando em História – UNIFESP

Orientador: Prof. Dr. Gilberto da Silva Francisco

[artioli.gabriel@unifesp.br](mailto:artioli.gabriel@unifesp.br)

Este artigo analisa a caracterização dos egípcios na perspectiva grega, mais especificamente a ateniense, no século V a.C a partir da tragédia *As Suplicantes*, de Ésquilo. A peça está inserida em um contexto no qual havia um sólido ambiente de contato entre as comunidades gregas e outras situadas na região do Mediterrâneo. A interpretação aqui proposta considera duas questões principais: a primeira enfatiza o conflito e a polarização entre gregos e bárbaros; a segunda considera a interação pacífica e a troca cultural. Portanto, apesar de haver elementos de polaridade na peça, o artigo também mostra nuances na forma como os gregos enxergavam e interagem com os “bárbaros”.

## **A RECEPÇÃO DE ANTÍGONA NA PEÇA DE JEAN ANOUILH: UM ESTUDO SOBRE RELEITURAS DA TRAGÉDIA GREGA**

Juliana Rodrigues Vital

Graduanda em História – UNIFESP

Orientador: Prof. Dr. Glaydson José da Silva

[vital@unifesp.br](mailto:vital@unifesp.br)

Este projeto propõe uma análise crítica da tragédia *Antígona*, de Jean Anouilh, encenada em 1944 durante a ocupação nazista na França. Partindo de uma comparação com a peça original de Sófocles, o estudo busca compreender como a reelaboração moderna do mito operada por Anouilh utiliza a ambiguidade estética e discursiva como estratégia de sobrevivência simbólica em um contexto de censura e repressão política. O projeto concentra-se especialmente no modo como a peça dialoga com a conjuntura política de sua produção, sendo simultaneamente interpretada como colaboracionista e como uma expressão da resistência francesa. A pesquisa será estruturada em três eixos principais: a análise textual e dramatúrgica da peça de Anouilh em relação à tragédia de Sófocles; o estudo do contexto histórico-cultural da França ocupada e das formas de censura e propaganda do regime de Vichy; e a recepção crítica e filosófica da peça, considerando tanto os seus aspectos formais quanto os impactos políticos. A investigação será orientada por uma perspectiva interdisciplinar, com apoio teórico de autores como Susan Tiefenbrun, Michael Spingler, Rossana Zetti, Nicole Loraux e Georg Steiner. Sendo assim, objetiva-se discutir a construção da ambiguidade como forma de ação simbólica e política em tempos de repressão, e refletir sobre o papel do teatro trágico moderno como espaço de negociação entre arte e poder.

## **A REINSERÇÃO DE NÁUCRATIS EM SEU CONTEXTO EGÍPCIO: UM PANORAMA DE DAVID HOGARTH A AGUT-LABORDÈRE (1899-2012)**

Leonardo Wesley dos Santos

Graduando em História – UNIFESP

Orientador: Prof. Dr. Gilberto da Silva Francisco

[lw.santos@unifesp.br](mailto:lw.santos@unifesp.br)

Náucratis foi um assentamento estabelecido por gregos no delta do Nilo, em terras concedidas a estes pelo faraó Psamético I (664–610 AEC) entre o final do século VII e início do século VI AEC. Em cerca de 1.200 anos de história, o local passou de um entreposto comercial, durante o período Arcaico (800–500 AEC), para uma pólis com instituições independentes, durante o período Helenístico (323–146 AEC). As fontes literárias mais evocadas acerca de Náucratis, o livro II das Histórias de Heródoto e o livro XVII da Geografia de Estrabão, entre outros, ao tratar do local deram enfoque para a comunidade grega, construindo um grande silêncio acerca da presença egípcia na cidade. Os primeiros arqueólogos que exploraram o sítio de Náucratis a partir de sua descoberta em 1884, considerando os registros literários, classificaram Náucratis enquanto “essencialmente”, ou ainda, “inteiramente” grega. A partir de 1899, o arqueólogo David Hogarth sugere a existência duas cidades no local: uma grega e outra egípcia, próximas geograficamente, mas “eticamente distintas”. A partir da proposição de que a cidade egípcia seria anterior à grega, alguns pesquisadores que sucederam Hogarth passaram a defender a “reinscrição de Náucratis em seu contexto egípcio”. Entre eles, o egiptólogo Agut-Labordère, que reflete sobre o estatuto jurídico de Náucratis a partir das noções do direito egípcio. Assim, desde o final do século XIX até o início do presente século, um debate se estabeleceu a fim de criticar o caráter

estritamente grego de Náucratis, tal qual defendido pelos primeiros arqueólogos, e evidenciar, sobretudo pelas descobertas de novos vestígios materiais e arqueológicos, a presença egípcia em Náucratis ao longo dos seus 1.200 anos de história.

## **POR UMA UNIÃO LATINA: O PAPEL DA LATINIDADE NA CONSTRUÇÃO DO MOVIMENTO ACTION FRANÇAISE (1899-1944)**

Lucas Arantes Lorga

Mestre em História - UNIFESP

[lucaslorga1@gmail.com](mailto:lucaslorga1@gmail.com)

A Action Française foi, provavelmente, o mais importante movimento de extrema-direita francês da primeira metade do século XX. Sua concepção do que constituiria a verdadeira nação francesa, fundamentada no que Charles Maurras denominou "nacionalismo integral", baseava-se na rejeição de todas as manifestações consideradas modernas. Grupos vistos como estranhos ao corpo nacional, como protestantes, judeus, alemães, maçons, democratas, comunistas, revolucionários e outros, deveriam ser perseguidos e expulsos o mais rapidamente possível. Para os pensadores da Action Française, a essência da França residia em três pilares fundamentais: a monarquia, a Igreja Católica e a cultura clássica. Apenas esses elementos seriam capazes de restaurar as glórias do passado francês, supostamente destruídas pela perniciosa Revolução de 1789. A latinidade, a partir dessa construção teórica, adquiria um papel fundamental. Era ela que unia todas as características do "país real" (monárquico, católico e greco-romano) em contrapartida ao "país legal" (republicano, laico e estrangeiro). Além de ser o componente organizador e ordenador da sociedade do ponto de vista interno, era a grande defesa do ponto de vista externo. Ameaçada por um mundo cada vez mais anglo-saxão ou germânico, a Action Française voltou-se à Antiguidade como uma forma de proteção contra possíveis invasões culturais e militares. Mais do que isso, Maurras e seus seguidores defendiam a criação de uma União Latina, baseada no poder histórico e simbólico do Mediterrâneo. As culturas e nações que eram banhadas pelo Mare Nostrum, como a França, a Itália (principalmente durante o regime fascista), os países ibéricos, a Grécia e as colônias africanas, entendidas como territórios

romanizados, deveriam se organizar para defender a Europa em um projeto reacionário e excludente.

## **ENTRE A REVOLTA DOS MACABEUS E O LOGOS DE FÍLON: RESISTÊNCIA E ASSIMILAÇÃO JUDAICA AO HELENISMO**

Nathan Henrique Fonseca Cardoso

Mestrando em História – UNIFESP

Orientador: Prof. Dr. Glaydson José da Silva

[nathanhenrique563@gmail.com](mailto:nathanhenrique563@gmail.com)

O presente trabalho tem por objetivo analisar as dinâmicas de resistência e assimilação dos judeus ao helenismo, a partir da Revolta dos Macabeus (c. 167–160 a.C.) e da obra *De Opificio Mundi* (c. 30–40 d.C.) de Fílon de Alexandria (c. 20 a.C.–c. 50 d.C.). O ponto central da investigação é refletir sobre de que modo um povo com forte identidade monoteísta buscou articular sua tradição religiosa-cultural diante das influências helenísticas, gerando conflitos internos e externos. Analisa-se como essas tensões se manifestaram, contrastando os judeus na Judéia, sob domínio selêucida, com os da diáspora alexandrina — herança do regime ptolomaico. Embora alguns tenham incorporado elementos helenísticos, como a língua e práticas culturais, outros resistiram firmemente para preservar sua identidade religiosa. Essas dinâmicas resultaram em marcas duradouras na cultura judaica, configurando uma identidade híbrida que persiste até os dias de hoje.

# **AS GUERRAS ÁSTURES-CÂNTABRAS E A MORTÍFERA PAX AUGUSTANA: NOVAS INVESTIGAÇÕES HISTÓRICO-ARQUEOLÓGICAS DA PRESENÇA MILITAR ROMANA NA CALLAECIA (C. 29 A.C. – C. 19 A.C.)**

Renato Pinto

Professor Doutor – UFPE

Pesquisador de pós-doutorado – UNIFESP

Supervisor: Prof. Dr. Glaydson José da Silva

[renato.pinto@ufpe.br](mailto:renato.pinto@ufpe.br)

Esta pesquisa pós-doutoral almeja reavaliar e expandir os estudos da presença militar romana na região da Galécia (Callaecia) durante as guerras Ástures-Cântabras, sob o olhar teórico pós-colonial, dos Usos do Passado, e seus desdobramentos. Esses eventos bélicos são tidos como estertores da resistência nativa à “romanização” hispânica, urdida na tecelagem da Pax Augustana. Concomitante à construção do estado-da-arte, em cotejamento, as fontes da historiografia serão selecionadas por seu impacto bibliográfico a respeito do tema nos últimos 15 anos (ou um pouco mais, no campo arqueológico). Já a adição de fontes se dará, mormente, por meio de análises de novas publicações e relatórios de escobertas/interpretações arqueológicas de sítios com a função de fortificação na região proposta, em especial, no segmento noroeste da Galécia. Entre os objetivos gerais, estará focar na análise do papel da violência imperial com o fito de desconstruir e ressignificar a percepção de uma Pax Augustana exitosa e algo compensatória, num processo, amiúde, nomeado pelo termo/conceito reducionista “romanização”. Também, como desdobramento de objetivo específico, em recorte geográfico, estudar-se-á o caso do Museu Espaço Valdevez (Arcos de Valdevez, Portugal), para onde seguiram artefatos extraídos de escavações do forte romano de Alto da Pedrada, Serra do Soajo, Portugal, com o fito de avaliar o uso da arqueologia pública para tratar de questões

identitárias locais e dos usos do passado do período da presença romana. Espera-se lograr uma visão mais crítica da violência romana usada na região e do uso arbitrário do conceito de “romanização”, e, ainda, por conseguinte, melhor compreender as dinâmicas da interpretação do passado romano apresentada nos centros culturais da sociedade atual na região do norte do Portugal.

## **USOS DO PASSADO E REVOLUÇÃO FRANCESA (1789 - 1799): APROPRIAÇÕES DA ANTIGUIDADE PELA IMPRENSA NA AURORA CONTEMPORÂNEA**

Samantha Lodi-Corrêa

Professora Doutora – UNESP

Pesquisadora de pós-doutorado – UNIFESP

Supervisor: Prof. Dr. Glaydson José da Silva

[samantha.lodi@unesp.br](mailto:samantha.lodi@unesp.br)

A Revolução Francesa (1789-1799) gesta a contemporaneidade, aurora de nossa organização política, social e cultural, combinada à economia capitalista, é um dos momentos históricos mais analisados desde seu desenvolvimento até hoje. Pesquisadores debruçaram-se sobre as apropriações da Antiguidade realizadas por iluministas e revolucionários franceses, assim como seus desdobramentos na construção do nacionalismo francês que forja a ideia atual de república democrática pautada em princípios de liberdade. Entretanto, não há estudos sobre recepções especificamente na imprensa, espaço de articulação do período. Assim, objetiva-se analisar os usos do passado pela imprensa durante a Revolução Francesa, voltando-se principalmente para apropriação do conceito de Liberdade. Selecionou-se como fonte primária os periódicos parisienses: *Journal de la liberté de la presse*, (1794) e *Le Tribun du Peuple*, (1794-1795) de Gracchus Babeuf; *Publiciste parisien* (1789), *L'ami du peuple* (1789-1792) e *Journal de la république française* (1792-1793) de Jean-Paul Marat; *Les Révolutions de France et de Brabant* (1789-1791), *Le Vieux Cordelier* (1793-1794) de Camille Desmoulins. A metodologia de pesquisa propõe análise das fontes primárias contextualizadas ao período revolucionário e aos estudos sobre os usos do passado e recepções da Antiguidade, para debater o conceito de Liberdade gestado na formação da sociedade contemporânea.

# **A DESONRA DO DESAPARECER: MODERNIDADE E SOCIEDADE EM MEDEIA: A FEITICEIRA DO AMOR DE PIER PAOLO PASOLINI**

Théo Marques de Paula

Graduando em História – UNIFESP

Orientador: Prof. Dr. Glaydson José da Silva

[theo.marques@unifesp.br](mailto:theo.marques@unifesp.br)

O presente trabalho realizado sobre a orientação do professor Glaydson José da Silva, pretendeu por meio de uma análise de recepção do filme “Medéia: A Feiticeira do Amor” (1969) de Pier Paolo Pasolini, analisar como o autor se utilizou do mito de Medeia para fazer uma crítica metafórica acerca da condição social e política italiana durante o período, e também abordar a questão das revoltas estudantis do ano de 1968. Dessa forma, sendo um trabalho que visa uma análise acerca dos anos rebeldes na Itália e também como o mito de Medeia foi utilizado para refletir sobre um tempo muitos séculos a frente do seu próprio.

## **A PROPAGANDA NAZISTA E OS USOS DO PASSADO: ABUSO DA HISTÓRIA OU TÉCNICA DE MANIPULAÇÃO DAS MASSAS?**

Victor Barone

Mestre em História - UNIFESP

[victor2.barone@alumni.usp.br](mailto:victor2.barone@alumni.usp.br)

Este trabalho analisa os usos da Antiguidade clássica pela propaganda nazista, com o objetivo de compreender como o passado foi mobilizado não apenas como referência ideológica, mas como ferramenta técnica de manipulação das massas. Parte-se da hipótese de que a apropriação do passado greco-romano pelo regime nazista ultrapassa o mero “abuso da história”, constituindo-se como estratégia racional de engajamento afetivo e identitário. A análise tem como foco o filme *Olympia* (1938), de Leni Riefenstahl, destacando como a estética clássica, os corpos arianos e os símbolos olímpicos foram articulados para construir uma linhagem mítica entre os gregos antigos e os germânicos modernos. O trabalho dialoga com autores como Walter Benjamin, Martin Bernal, Theodor Adorno e Sigmund Freud para demonstrar que a propaganda nazista, ao evocar uma suposta herança racial da Grécia Antiga, operava por meio de processos psíquicos inconscientes de identificação e pertencimento, constituindo um vínculo libidinal com o passado. Conclui-se que a crítica historiográfica deve ir além da denúncia do anacronismo e investigar as finalidades políticas, psicológicas e simbólicas envolvidas na instrumentalização do passado em contextos autoritários.

## **HOMOEROTISMO FEMININO: UMA ANÁLISE DE FONTES LATINAS**

Victoria Lacerda

Mestre em História - UNIFESP

[victoria.lacerda@unifesp.br](mailto:victoria.lacerda@unifesp.br)

A historiografia das sexualidades na Roma Antiga concentrou-se predominantemente nas práticas homoeróticas masculinas, relegando o homoerotismo feminino à invisibilidade. Esta comunicação visa analisar um conjunto de fontes em que a presença e a percepção de relações homoeróticas entre mulheres variam a partir de diferentes estratégias. Para isso, a pesquisa articula a análise da literatura e da cultura material, a partir dos versos de Ovídio e Marcial, e da materialidade de Pompeia. Dessa forma, busca-se compreender como as relações entre mulheres foram abordadas de maneira diversa, entre as dinâmicas de visibilidade, tensão e constante negociação.

## **DIONÍSIO META-CIDADÃO: O DIONISISMO E A META-CIDADANIA PARA ESCRAVIZADOS NA ATENAS DE PISÍSTRATO**

Vinícius Ramalho Ramos

Graduando em História – UNIFESP

Orientador: Prof. Dr. Glaydson José da Silva

[vinicius.ramalho@unifesp.br](mailto:vinicius.ramalho@unifesp.br)

A cidade-estado de Atenas, em seu período clássico, entra para o senso comum como o berço da civilização, da tragédia e da democracia. Fica, muitas vezes, escondida sob suas fundações a raiz que sustentou seu desenvolvimento, a escravidão. O final do período arcaico é marcado por crises sucessivas e pelo domínio das tiranias, e nesse contexto, um tirano ateniense, Pisístrato, para seus meandros políticos, se utiliza do culto ao deus Dionísio, até então ligado ao ambiente rural e praticado pelos subalternos da pólis. Buscando combater tanto a antiga ordem aristocrática quanto o perigo que o dionisismo figurava para a pólis, o tirano insere o culto na religião políade ateniense, cujo direito de participação era reservado aos cidadãos, gerando adaptações drásticas no culto. Através do culto à Dionísio, indivíduos, até então, marginalizados e alheios à cidadania, passam a ter participação em uma das principais manifestações da vida cívica ateniense. A pesquisa aqui proposta tem por objetivo investigar a condição de “meta-cidadão”, abordada por Francisco Marshall, como uma forma de inserção à cidadania ateniense através da participação nos ritos do dionisismo, voltada principalmente para a meta-cidadania para escravizados.

## **GOTA D'ÁGUA: UMA ANÁLISE DA RECEPÇÃO DA TRAGÉDIA DE EURÍPIDES NA ADAPTAÇÃO DRAMATÚRGICA DE CHICO BUARQUE E PAULO PONTES**

Vitor Filippo Dias

Graduado em História – FMU

Membro do Grupo de Estudos de História Antiga - UNIFESP

[vfilippodias@gmail.com](mailto:vfilippodias@gmail.com)

Gota d'água (1975) de Chico Buarque e Paulo Pontes é uma obra que tem como notória fonte inspiradora a tragédia grega Medeia de Eurípides. Esse trabalho visa elucidar a recepção da obra Medeia no texto Gota d'água. A Medeia de Eurípides representa a mulher bárbara e estrangeira. Após retornar a Grécia, Jasão, seu marido, a abandona para se casar com a princesa Glauce. Creon, rei de Corinto, temendo a feitiçaria de Medeia decide expulsá-la da cidade, assim começa a vingança de Medeia. Ela assassina seus dois filhos com Jasão, a princesa Glauce e o rei Creon, e foge com o corpo dos meninos para enterrá-los em Atenas. Em Gota d'água a história se passa no subúrbio carioca, Jasão abandona sua companheira Joana logo após fazer sucesso com a composição do seu samba Gota d'água para se casar com Alma, filha do empreendedor imobiliário e proprietário da Vila do Meio Dia, Creonte, que assim como na tragédia grega, determina a expulsão de Joana do vilarejo com a justificativa da falta de pagamento e do temor pela devoção da mulher ao candomblé. Joana, que após tentativa de assassinar Alma e Creonte malograr, conclui que o único modo a acometer Jasão é assassinar seus dois filhos e suicidar-se. Por meio da personagem Joana, a peça Gota d'água pretende demonstrar a situação do povo brasileiro que vinha sendo espoliado economicamente e culturalmente durante o período da ditadura militar. Chico Buarque e Paulo Pontes viam o grito de revolta acometido por Medeia de Eurípides como a única solução para os infortúnios do povo brasileiro.

## **CRONOGRAMA**

## CRONOGRAMA DAS COMUNICAÇÕES E DA CONFERÊNCIA

### SESSÃO DE COMUNICAÇÕES I

01/09, 14:00h - 15:45h

#### AUDITÓRIO DA EFLCH “CARLOS BELLO”

*Felipe Perissato*

CIDADES HELENÍSTICAS EM MÚLTIPLAS ESCALAS: UM ESTUDO SOBRE RELIGIÃO URBANA E INTEGRAÇÃO REGIONAL NA JÔNIA ENTRE OS SÉCULOS III E I A.C.

*João Gabriel Artioli Pinto*

A VISÃO GREGA SOBRE OS EGÍPCIOS NO SÉCULO V A.C:  
UMA ANÁLISE DA ALTERIDADE N’AS SUPLICANTES, DE  
ÉSQUILO

*Bruno de Carvalho Artico*

MASCULINIDADES NOS MUNDOS GREGO E ROMANO -  
UMA ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA (SÉCULOS XX E XXI)

*Victor Barone*

A PROPAGANDA NAZISTA E OS USOS DO PASSADO:  
ABUSO DA HISTÓRIA OU TÉCNICA DE MANIPULAÇÃO  
DAS MASSAS?

*Vinícius Ramalho Ramos*

DIONÍSIO META-CIDADÃO: O DIONISISMO E A META-CIDADANIA PARA ESCRAVIZADOS NA ATENAS DE PISÍSTRATO

*João Estevam Lima de Almeida*

TRADIÇÃO E RECEPÇÃO: DIONISO NOS TEXTOS ANTIGOS E NAS OBRAS DOS POETAS KONSTANTINOS KAVÁFIS, KOSTIS PALAMÁS E ÁNGELOS SIKELIANÓS

## SESSÃO DE COMUNICAÇÕES II

01/09, 16:15h – 18:00h

AUDITÓRIO DA EFLCH “CARLOS BELLO”

*Renato Pinto*

AS GUERRAS ÁSTURES-CÂNTABRAS E A MORTÍFERA PAX AUGUSTANA: NOVAS INVESTIGAÇÕES HISTÓRICO-ARQUEOLÓGICAS DA PRESENÇA MILITAR ROMANA NA CALLAECIA (C. 29 A.C. – C. 19 A.C.)

*Arhão Henrique Ramos da Silva*

O QUE OS DEUSES REVELAM OS GREGOS RECORDAM: A EVOCAÇÃO DA MEMÓRIA CULTURAL GREGA A PARTIR DO MOTIVO ORACULAR E DA TEMÁTICA DIVINATÓRIA NA ‘DESCRIÇÃO DA GRÉCIA’ DE PAUSÂNIAS

*Juliana Rodrigues Vital*

A RECEPÇÃO DE ANTÍGONA NA PEÇA DE JEAN ANOUILH: UM ESTUDO SOBRE RELEITURAS DA TRAGÉDIA GREGA

*Guilherme Pereira Bateloché*

ANTIGUIDADE CLÁSSICA E REVOLUÇÃO AMERICANA: COMO OS REVOLUCIONÁRIOS SE APROPRIARAM DA ANTIGUIDADE GRECO-ROMANA?

*Vitor Filippo Dias*

GOTA D'ÁGUA: UMA ANÁLISE DA RECEPÇÃO DA TRAGÉDIA DE EURÍPIDES NA ADAPTAÇÃO DRAMATÚRGICA DE CHICO BUARQUE E PAULO PONTES

*Camila Miranda Jesus Tenreiro*

POR UMA HISTÓRIA ANTIGA ABERTA AO FUTURO: REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE OS ESTUDOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA ANTIGUIDADE E SEUS POSSÍVEIS IMPACTOS NO PRESENTE

**CONFERÊNCIA**

**01/09, 18:00h – 19:30h**

**AUDITÓRIO DA EFLCH “CARLOS BELLO”**

*María Cecilia Colombani*

EL SER EN EL MUNDO Y EL SER CON EL OTRO COMO FORMAS DE HABITAR EL KOSMOS

## SESSÃO DE COMUNICAÇÕES III

02/09, 14:00h - 15:45h

### AUDITÓRIO DA EFLCH “CARLOS BELLO”

*Francisco de Assis Sabadini*

A IDADE DO FERRO INICIAL NO EGEU: UMA SÍNTESE  
HISTORIOGRÁFICA DO SÉCULO XI AO VIII A.C.

*Victoria Lacerda*

HOMOEROTISMO FEMININO: UMA ANÁLISE DE FONTES  
LATINAS

*Leonardo Wesley dos Santos*

A REINSERÇÃO DE NÁUCRATIS EM SEU CONTEXTO  
EGÍPCIO: UM PANORAMA DE DAVID HOGARTH A AGUT-  
LABORDÈRE (1899-2012)

*Nathan Henrique Fonseca Cardoso*

ENTRE A REVOLTA DOS MACABEUS E O LOGOS DE  
FÍLON: RESISTÊNCIA E ASSIMILAÇÃO JUDAICA AO  
HELENISMO

*Theo Marques de Paula*

A DESONRA DO DESAPARECER: MODERNIDADE E  
SOCIEDADE EM MEDEIA: A FEITICEIRA DO AMOR DE  
PIER PAOLO PASOLINI

*Isabella Covre Araújo*

O ACERVO FUNARI E O ESTUDO DAS ÂNFORAS NA REGIÃO DA BRITANIA ROMANA (I-III D.C.) PARA COMPREENSÃO DOS PADRÕES DE CONSUMO QUE FOGEM À ROMANIZAÇÃO

## SESSÃO DE COMUNICAÇÕES IV

02/09, 16:15h - 18:00h

### AUDITÓRIO DA EFLCH "CARLOS BELLO"

*Samantha Lodi-Corrêa*

USOS DO PASSADO E REVOLUÇÃO FRANCESA (1789 - 1799): APROPRIAÇÕES DA ANTIGUIDADE PELA IMPRENSA NA AURORA CONTEMPORÂNEA

*Lucas Arantes Lorga*

POR UMA UNIÃO LATINA: O PAPEL DA LATINIDADE NA CONSTRUÇÃO DO MOVIMENTO ACTION FRANÇAISE (1899-1944)

*Heloisa Mattos Vidal e Silva*

UMA HISTÓRIA DAS PRIMEIRAS ESCAVAÇÕES NO HERAION DE DELOS (1873-1911): A ATUAÇÃO DA ESCOLA FRANCESA DE ATENAS E A INTERPRETAÇÃO DO CULTO DE HERA

*Guilherme Godoy Marins*

O HERÓI INCÔMODO: A RECEPÇÃO DE ARMÍNIO NA  
PROPAGANDA DO TERCEIRO REICH (1933-1945)

*Augusto Antônio de Assis*

ANTIGUIDADE ENQUANTO MODERNIDADE NA ITÁLIA  
FASCISTA E IMPERIAL: A CONSTRUÇÃO DA PIAZZA  
AUGUSTO IMPERATORE NA DÉCADA DE 1930

## **CRONOGRAMA DO MINICURSO**

### ***MARCAS ANTROPOLÓGICAS EN LA OBRA DE HESÍODO. ¿POR QUÉ ES NECESARIO COMENZAR POR ÉL?***

María Cecilia Colombani

#### **1º ENCONTRO**

**02/09, 09:30 – 12:30h**

#### **2º ENCONTRO**

**03/09, 09:30 – 12:30h**

#### **3º ENCONTRO**

**04/09, 09:30 – 12:30h**

#### **4º ENCONTRO**

**08/09, 09:30 – 12:30h**

#### **5º ENCONTRO**

**09/09, 09:30 – 12:30h**

Todos os encontros terão lugar no Auditório da EFLCH “Carlos Bello”.





**I ENCONTRO DE  
PESQUISAS EM  
ANDAMENTO EM  
HISTÓRIA ANTIGA  
DA UNIFESP**